

La Comédiathèque

# No fim da linha

Jean-Pierre Martinez  
Traduzido por Cláudia Negrão

[comediatheque.net](http://comediatheque.net)

**Este texto é oferecido gratuitamente à leitura.  
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,  
deve obter a autorização do autor:  
<https://comediatheque.net>**

# **No fim da linha**

**Jean-Pierre Martinez**

**Traduzido por Cláudia Negrão**

Uma escritora sente-se bloqueada e não consegue escrever uma linha. O seu editor exige-lhe uma nova obra e ela sente-se incapaz de o fazer. Recebe uma visita de uma jornalista que a vem entrevistar, mas nem tudo o que parece é. Uma comédia inteligente que vai surpreendendo o público à medida que se desenrola a relação entre estas duas mulheres num jogo de forças e manipulação da verdade.

## **Personagens**

Autor (ele ou ela)

Visitante (ele ou ela)

*Uma sala em desordem. Uma mulher (ou um homem) dormirá numa poltrona. O telefone toca, fazendo-a sair do seu torpor. Ela atende-o como uma sonâmbula.*

**Autor(a)** (*pouco amável*) – Está? (*sem ouvir a resposta*) Vai-me dizer que o encontro está anulado não é? (*voltando um pouco a si*) O Banco? (*tornando-se mais cordial*) Ah, desculpe é que eu esperava um jornalista que vem entrevistar-me e... Sim já sei, um pequeno descoberto, eu vi... Um grande? Digamos um médio, então... bem não vamos brincar mais com as palavras... Não se preocupem, eu estava justamente a preparar-me para sair e ir depositar um cheque que acabei de receber... Um adiantamento pela minha próxima peça, sim... Costumam ir ao teatro de vez em quando? Não claro, não é esse o assunto... Ouça a ligação não está muito boa... Acho que ouvi tocar à porta, deve ser o meu jornalista... Sim, eu torno a falar... Já não estou a conseguir ouvir-vos...Tenho mesmo de desligar...

*A autora desliga e suspira. Levanta-se. O seu aspecto e movimento estão desordenados. Agora ouve-se realmente uma campainha. Ela hesita por um momento. Olha-se num espelho, endireita um pouco a roupa e passa um pente pelos cabelos. Tocam à campainha novamente.*

**Autor(a)** – Merda... Já vou, já vou...

*Vai abrir e volta seguida de uma mulher (ou homem) mais novo, vestido de uma maneira mais moderna e em forma.*

**Visitante** – Obrigado por me receber Sra. Entremontes.

**Autor(a)** – Entrelinha.

**Visitante** (*um pouco surpreendida pela desordem em volta*) – Desculpe?

**Autor(a)** – Não é Entremontes. É Entrelinha. Mariana Entrelinha. É como me chamo. Pensava que ao menos tinha conhecimento disso.

**Visitante** – Claro, peço desculpa. É um pseudónimo imagino.

**Autor(a)** – Não, porquê?

**Visitante** – Não sei... Entrelinha para uma escritora, neste caso, se me permite é um nome predestinado.

**Autor(a)** – Quando escolher um pseudónimo escolho Entretumbas. Ao menos tenho a certeza que as minhas memórias vender-se-ão bem.

**Visitante** – Pois... (*inquieta*) Não a acordei pois não?

**Autor(a)** – Acordar-me? De maneira nenhuma! O que a fez pensar que poderia ter me acordado?

**Visitante** – Não sei...

**Autor(a)** – Além disso, que horas são?

**Visitante** – Peço desculpa mas não tenho relógio.

**Autor(a)** – É com certeza por isso que está atrasada.

**Visitante** – Atrasada? Mas se nem sabe que horas são...

**Autor(a)** – Você é jornalista por alguma coisa... Você... Você tem resposta para tudo. Bom, fazemos esta entrevista ou não? Tenho mais que fazer!

**Visitante** (*baixinho*) – Se o diz...

**Autor(a)** – Desculpe?

**Visitante** – Não... eu estava a dizer... Bem, vamos então! Estamos aqui para isso, não é?

**Autor(a)** – Ainda por cima você tem sorte. Eu nunca dou entrevistas.

**Visitante** – Pedem-lhe muitas vezes?

**Autor(a)** – Menos agora é verdade... Mas... na época em que mas pediam eu também não as dava.

**Visitante** – Está bem...

**Autor(a)** – Você é daquelas que pensa que o valor das mulheres é proporcional ao seu sex appeal não é?

**Visitante** – De maneira nenhuma... enfim sim, mas... não foi isso que eu quis insinuar...

**Autor(a)** – O que é que quis insinuar então?

**Visitante** – Nada...

**Autor(a)** – Sim! Você disse: não foi isso que eu quis insinuar. Quer dizer então que queria insinuar alguma coisa!

**Visitante** – Exprimi-me mal, foi isso.

**Autor(a)** – Uma jornalista que se exprime mal, parece-me um bom começo...

**Visitante** – Desculpe.

**Autor(a)** – Então porque me pôs essa questão?

**Visitante** – Qual questão?

**Autor(a)** – Perguntou-me se ainda me pediam muitas entrevistas.

**Visitante** – Não sei... Estou aqui para lhe fazer perguntas... é o princípio de uma entrevista não?

**Autor(a)** – Com verdadeiras questões sim... não com perguntas de merda!

**Visitante** – Está a referir-se a perguntas de jornalista com certeza.

**Autor(a)** – Detesto jornalistas...

**Visitante** – Geralmente as pessoas conhecidas detestam jornalistas.

**Autor(a)** – Sim... vá-se lá saber porquê...

**Visitante** – Apesar disso, é graças aos jornais que os desconhecidos saem do anonimato...

**Autor(a)** – É um ponto de vista.

**Visitante** – Um ponto de vista de um jornalista.

**Autor(a)** – Também são as pessoas conhecidas que fazem vender jornais.

**Visitante** – O papel dos jornais também é falar sobre as pessoas conhecidas... Para que não sejam esquecidas.

**Autor(a)** – Veio ver-me para falar sobre a sociedade do espectáculo ou para fazer perguntas sobre a minha obra?

**Visitante** – Vou começar, tenha calma. (*olhando em redor*) Posso sentar-me?

**Autor(a)** – Se faz favor.

**Visitante** – Obrigada.

*Senta-se. Um silêncio constrangedor.*

**Autor(a)** – Desculpe. Começámos ambas com o pé esquerdo.

**Visitante** – Não há nenhum problema.

**Autor(a)** – Já não tenho muito o hábito de estar com pessoas, é verdade... Tornei-me um pouco macambúzia, acho eu.

**Visitante** – Não se desculpe, é normal... eu apareço assim, na sua casa...

**Autor(a)** – Quer alguma coisa?

**Visitante** – Sim, quero fazer-lhe algumas perguntas.

**Autor(a)** – Queria dizer alguma coisa para beber.

**Visitante** – Ah sim, claro. Não teria nada contra um café.

**Autor(a)** – Não tenho café. Enfim, tenho café mas não tenho cafeteira. Ela estragou-se já há algum tempo. Continuei a fazer o café durante alguns meses a ferver a água num tacho e servia-me dum Kleenex em vez do filtro mas depois os Kleenex acabaram e deixei de fazer café.

**Visitante** – Não é grave. Não se incomode.

**Autor(a)** – Posso preparar-lhe um chá se quiser. Camomila? Quero preveni-la que não tenho açúcar.

**Visitante** – É muito tentador mas... deixe lá.

**Autor(a)** – Bem, nesse caso sou toda ouvidos.

**Visitante** – Muito bem então... A minha primeira pergunta: Escreve à mão ou no computador?

*O autor fica por um momento confundido.*

**Autor(a)** – Desculpe... eu não percebi muito bem... Trabalha para que jornal exatamente?

**Visitante** – Quer dizer... não é exatamente um jornal. Quero dizer que não é um jornal em papel como o Jornal de Letras por exemplo.

**Autor(a)** – Jornal de Letras?

**Visitante** – É mais uma revista on-line como se diz hoje em dia.

**Autor(a)** – Já percebi, um site na internet.

**Visitante** – Digamos... uma revista Web. Viver Teatro.

**Autor(a)** – Viver teatro?

**Visitante** – É o nome da revista. Não gosta?

**Autor(a)** – Sim, sim, é um bocadinho revista para seniores mas pronto... Só eles é que vão ao teatro...

**Visitante** – Pois...

**Autor(a)** – Viver teatro... Infelizmente poucas pessoas chegam a viver do teatro como sabe...

**Visitante** – O objectivo da nossa publicação é precisamente chamar a atenção para os autores contemporâneos. Isto permite aos nossos leitores conhecer-vos melhor. Na qualidade de dramaturgo...

**Autor(a)** – Já percebi. Então a sua primeira questão é se eu escrevo com uma caneta ou um computador.

**Visitante** – Isso mesmo.

**Autor(a)** (*muito irónica*) – Desconfio que é uma pergunta que deve intrigar os vossos leitores...

**Visitante** – Porquê?

**Autor(a)** – Porquê? Como deve imaginar com a minha idade no princípio eu escrevia com caneta. Tinha acabado de aparecer a impressão quanto mais os computadores...

**Visitante** – Claro.

**Autor(a)** – Eu lembro-me... Era uma caneta de tinta permanente Montblanc que a minha madrinha me tinha oferecido pela primeira comunhão. Com um aparo folheado a ouro. Andava sempre com ela.

**Visitante** – De acordo. De alguma maneira um objecto de transição.

**Autor(a)** – Exactamente... Uma substituição da mãe se preferir. Como sabe a escrita também funciona como uma psicanálise.

**Visitante** – Ah sim?...

**Autor(a)** – Também é completamente ineficaz mas em vez de se gastar dinheiro podemos sempre, em princípio, esperar ganhá-lo.

**Visitante** – Percebo...

**Autor(a)** – Já sei... Ao ver-me neste estado acha que a minha psicanálise, na realidade, não correu muito bem...

**Visitante** – Não, não. De maneira nenhuma.

**Autor(a)** – Acha que tenho um ar abastado?

**Visitante** – Abastado não seria a primeira palavra que me viria à cabeça mas... e depois?

**Autor(a)** – Depois a caneta também se estragou.

**Visitante** – Como a cafeteira.

**Autor(a)** – Exactamente. Então, com os direitos de autor que ganhei com a minha primeira peça, comprei uma máquina de escrever como aquelas que se vêem nos filmes antigos a preto e branco. Viu o Sunset Boulevard?

**Visitante** – Sim... talvez... enfim... já há muito tempo acho.

**Autor(a)** – Infelizmente não consegui encontrar uma vedeta em decadência para quem eu escrevesse uma peça...

**Visitante** – Mas isso é muito romanesco... Ainda tem essa máquina de escrever?

**Autor(a)** – Ela também acabou por se estragar.

**Visitante** – Que pena...

**Autor(a)** – Então comprei uma das primeiras máquinas de escrever elétricas. Era uma coisa revolucionária naquela altura. Tinha um pequeno ecrã, como um computador, mas só com uma ou duas linhas. Quando queríamos, podíamos fazer

algumas correções antes do resultado definitivo. Isto já permitia economizar alguma tinta e algum papel. Guardei-a durante uns anos e depois...

**Visitante** – A máquina elétrica estragou-se e comprou um Macintosh.

**Autor(a)** – Não. Depois eu é que me estraguei e comprei um escravo.

**Visitante** – Um escravo? Quer dizer...

**Autor(a)** – Era ele quem utilizava o computador. No início eu ditava-lhe um bocadinho claro. E depois, rapidamente pôs-se a escrever sozinho.

**Visitante** – O computador?

**Autor(a)** – O escravo!

**Visitante** – Estava mesmo a ver-se!

**Autor(a)** – Ele era muito dotado, sabe?

**Visitante** – Estou a perceber.

**Autor(a)** – Conhece a frase de Buffon: “O estilo é o próprio homem”?

**Visitante** – Sim....

**Autor(a)** – Então, aquele escravo, fazia completamente o meu estilo.

**Visitante** – Pois.

**Autor(a)** – Era sueco.

**Visitante** – Quem?

**Autor(a)** – O meu escravo!

**Visitante** – Ah sim desculpe.

**Autor(a)** – Fez-me uma pergunta e tenho a impressão de que não se interessa por aquilo que lhe conto?

**Visitante** – Claro que sim, muito. E esse escravo, ainda o tem?

**Autor(a)** – Ai de mim, não. É por isso que não escrevo há anos.

**Visitante** – Voltou para a Suécia talvez...

**Autor(a)** – Não. Ele morreu muito simplesmente.

**Visitante** – Oh merda... Quer dizer... É uma história muito triste.

**Autor(a)** – Sim... eu era-lhe muito ligada. Mas o que é que queria? Ele começava a achar-se um autor verdadeiro. Tive de me livrar dele.

**Visitante** – Livrar-se dele?

**Autor(a)** – Um bocadinho de arsénico todos os dias no chá de camomila. Morreu como a Madame Bovary. Flaubert dizia: A Madame Bovary sou eu. E sim. Um pouco de mim morreu com o Francisco.

**Visitante** – Francisco?

**Autor(a)** – O meu escravo sueco! Depois do seu desaparecimento nunca mais encontrei o meu estilo.

**Visitante** – Foi então que parou de escrever.

**Autor(a)** – Sim. Fiquei bloqueada na minha centésima vigésima quarta peça.

**Visitante** – Fico muito triste por sabê-lo.

**Autor(a)** – Atravessei um período muito difícil, é verdade. Para voltar a encontrar a inspiração que tinha ao princípio tornei a comprar uma Montblanc com os últimos euros que me restavam...

**Visitante** – Mas não foi suficiente...

**Autor(a)** – Eu estava á beira do suicídio e não tinha nem um cêntimo para comprar cargas.

**Visitante** – Para o revólver...

**Autor(a)** – Para a caneta!

**Visitante** – Desculpe.

**Autor(a)** – Restava-me uma velha seringa dos tempos em que eu era agarrada à heroína. Todas as manhãs eu tirava a mim própria um pouco de sangue e enchia a caneta com ele. Tinham-me encomendado uma comédia... mas a tinta vermelha... Não me dava senão ideias negras... (*diante da estupefação da jornalista*) Não toma notas?

**Visitante** – Sim, sim. Tenho tudo o que é preciso (*tira um pequeno gravador*). Mas não acho que seja preciso gravar isso...

**Autor(a)** – Então, você acredita realmente em todas as parvoíces que acabei de lhe contar?

*A visitante apercebe-se que o autor troçava dela.*

**Visitante** – É uma brincadeira, claro. Muito doida, aliás... Um escravo sueco... Não sabia que também era uma autora cómica...

**Autor(a)** – Deve ser por isso que também me enviaram uma cómica para me entrevistar... Não quer o chá de camomila?

**Visitante** – Com ou sem arsénico?

*A visitante faz um riso forçado*

**Autor(a)** (*muito sério*) – Outra pergunta?

**Visitante** – Sim... Eu gostei muito da sua primeira peça. Escreveu outras?

**Autor(a)** – O que disse?

**Visitante** – Eu quero dizer... com a sua mão, não com o seu escravo sueco. (*Ela ri da sua própria piada.*) Estava a brincar...

*O autor(a) não se ri.*

**Autor(a)** – Eu escrevi 123 peças.

**Visitante** – 123! Mesmo assim... E... fala de quê?

**Autor(a)** (*escandalizado*) – Fala de quê? Você vem fazer perguntas sobre o meu teatro e não leu as minhas peças?

**Visitante** – Não as 123 evidentemente mas...

**Autor(a)** – Quantas leu exatamente?

**Visitante** – Eu diria... uma... A primeira justamente. Enfim, as primeiras páginas. Fui avisada muito tarde para esta entrevista. Vi-me obrigada a substituir, sem preparação, um colega jornalista do Viver Teatro que se suicidou ontem.

**Autor(a)** – Quantas páginas?

**Visitante** – Para ser completamente honesta... não tive tempo de ir além da quinta página.

**Autor(a)** – O texto da peça começa na sexta.

**Visitante** – Mas gostei muito do título.

**Autor(a)** – Ah sim? E qual é o título da minha primeira peça? Assim, de repente. Estou com uma branca.

**Visitante** – Já não me lembro mas lembro-me que gostei muito.

**Autor(a)** – Posso ver a sua carteira de jornalista?

**Visitante** – Hum... Sim... (*ela faz que procura na mala*) Quer dizer... Eu pergunto-me se...

**Autor(a)** – Você não é uma jornalista.

*Ela hesita em responder.*

**Visitante** – Não.

**Autor(a)** – Percebo. Veio para me assaltar, não é? Parece que é muito vulgar. O ladrão faz-se passar por um funcionário do gás por exemplo e aproveita-se disso para levar o pé-de-meia escondido debaixo do colchão. Chama-se a isso, um esquema, acho eu.

**Visitante** – Um esquema?

**Autor(a)** – Tem razão. Não cola. Você não tem ar de ser assim tão esperta para um esquema... E também não se faria passar por uma jornalista literária.

**Visitante** – De facto...

**Autor(a)** – Não sei... Seria mais convincente como entregadora de pizzas.

**Visitante** – Verdade...

**Autor(a)** – Agora, se veio até aqui à procura de dinheiro, podemos procurar juntas se quiser.

**Visitante** – Eu sou actriz.

**Autor(a)** – Se é para tentar ter um papel que veio cá você ainda é mais estúpida do que eu pensava. E acredite em mim, eu já tinha a bitola bastante alta.

**Visitante** – É a primeira vez que interpreto uma jornalista e não tive muito tempo para me preparar.

**Autor(a)** – Não podemos excluir a possibilidade de ser uma atriz medíocre. E agora? Quem é o encenador desta péssima comédia?

**Visitante** – O seu agente.

**Autor(a)** – O meu agente? Eu nem sabia que ainda tinha um...

**Visitante** – Ele achou que uma entrevista seria uma boa maneira de insuflar o seu ego e que o faria voltar ao seu trabalho.

**Autor(a)** – Ele também é mais estúpido do que eu pensava...

**Visitante** – É um facto que nunca mais escreveu nada. Ele está à espera do seu manuscrito já há quase um ano.

**Autor(a)** – Que é que quer? Perdi a inspiração como se costuma dizer. A falta de inspiração para um escritor é como uma branca para um ator. Nunca sabemos quando começa e muito menos quando acaba.

**Visitante** – Um ano... é um bocado de tempo para uma branca...

**Autor(a)** – Você não leu a primeira das minhas 123 comédias e vem suplicar para que eu escreva a centésima vigésima quarta?

**Visitante** – Eu pessoalmente estou-me nas tintas mas o seu agente tem o ar de quem não está. Tanto que me deu 100 euros para vir fazer esta pequena farsa.

**Autor(a)** – 100 euros? Não sabia que o meu agente tinha assim tanto apreço por mim!

**Visitante** – Então o que fazemos agora?

**Autor(a)** – Como o que fazemos agora?

**Visitante** – Não sou jornalista e agora que já sabe se calhar não está de acordo em continuar com a entrevista.

**Autor(a)** – Porquê? Tinha mais perguntas apaixonantes a fazer sobre a minha obra literária? Se uso slips ou boxers? Gosto mais do mar ou da montanha? Croissants ou biscoitos?

**Visitante** – Eu compreendo que já não está disposto a colaborar. Então o que é que lhe vou dizer?

**Autor(a)** – A quem?

**Visitante** – Ao Jorge. O seu agente!

**Autor(a)** – Esse problema é seu. Conte-lhe o que quiser.

**Visitante** – É que... Ele ia dar-me mais 100 euros depois da entrevista...

**Autor(a)** – Percebo. Metade na altura da encomenda e a outra metade com os resultados confirmados. Ele deve ter uma confiança em si sem limites...

**Visitante** – Eu devia levar-lhe a gravação.

**Autor(a)** – Não me diga que quer fazer realmente a entrevista?

**Visitante** – Podíamos dividir.

**Autor(a)** – Dividir? Dividir o quê?

**Visitante** – 100 euros para cada uma.

**Autor(a)** – Não... você é realmente passada dos carros...

**Visitante** – Tenho fome, pronto! E pelo que me disse o seu agente também não anda a tomar banho em dinheiro. Não escreve nada e ninguém encena as suas peças.

**Autor(a)** – Obrigada por ter a delicadeza de me lembrar.

*Ela lança um ar depreciativo em redor.*

**Visitante** – Eu não sei... Com esse dinheiro podia ao menos tornar a pintar isto.

**Autor(a)** – Com 100 euros? Se conhecer algum pintor que trabalhe por esse preço, dê-me o número.

**Visitante** – Ou então podia comprar algumas latas de tintas e um rolo.

**Autor(a)** – E era você que pintava?

**Visitante** – Porque não? Não de graça claro...

**Autor(a)** – Eu é que estou no fim da linha! Para se escrever uma comédia não é necessário ser um optimista mas há limites!

**Visitante** – Não está a ouvir o que diz.

**Autor(a)** – Acha?

**Visitante** – Então... Escrever peças de teatro não é o fim do mundo... Há trabalhos piores não?

**Autor(a)** – Claro que sim.

**Visitante** – Claro que sim? Sabe que existem pessoas que são obrigadas a levantar-se todas as manhãs e a andar de metro durante uma hora para ficarem atrás de uma caixa de supermercado e tudo isso para ganhar ordenado mínimo?

**Autor(a)** – Foi com certeza para evitar esse calvário que decidi fazer teatro em apartamentos.

**Visitante** – Eu faço o que me propõem... e o meu agente ainda não me escolheu para grandes papéis.

**Autor(a)** – Deve ser tão bom como o meu. Quem é ele?

**Visitante** – É o seu.

**Autor(a)** – Ok... (*tempo*) Talvez seja você afinal quem está certa... Com essa sua experiência de trabalho está muito melhor preparada que eu para sobreviver neste mundo que nos rodeia.

**Visitante** – Obrigada.

**Autor(a)** – Penso logo existo. Que cretino esse Descartes! O tanas! É evidente que para continuar a existir neste mundo de merda a primeira coisa a fazer é parar de pensar.

**Visitante** – Pois.....

**Autor(a)** – Só que abster-se de pensar é como abster-se de fumar. É muito mais simples se nós não tivermos começado.

**Visitante** – Se isso é para mim, eu não fumo.

**Autor(a)** – Estou aqui a matutar... Tenho um trabalhinho a propor-lhe.

**Visitante** – Ah sim? Se estiver ao meu alcance...

**Autor(a)** – É verdade que pensando bem isso pode estar no limite das suas possibilidades...

**Visitante** – Então?

**Autor(a)** – Que diria sobre ser o meu escravo?

**Visitante** – Desculpe?

**Autor(a)** – Por alguma razão que me escapa o meu agente tem uma absoluta necessidade que eu escreva uma nova peça. Você podia escrevê-la no meu lugar.

**Visitante** – Mas eu não sou autora de teatro...

**Autor(a)** – Cá entre nós também não é verdadeiramente uma atriz.

**Visitante** – Preciso de pensar... e... ser-se escravo é bem pago?

**Autor(a)** – Tudo depende da notoriedade do autor que assinar em seu lugar.

**Visitante** – O que está a dizer não é muito encorajante... Nunca foi muito conhecido e segundo o seu agente já toda a gente a esqueceu...

**Autor(a)** – E dizer que ele lhe pagou para me levantar o moral...

**Visitante** – Estou só a tentar ser realista.

**Autor(a)** – Bem, está interessada ou não?

*Tocam à campainha.*

**Visitante** – Se está à espera de alguém, eu posso ir-me embora.

**Autor(a)** – Não estou à espera de ninguém.

*Vai abrir a porta. A visitante começa a arrumar o gravador e a vestir o casaco para ir embora. Mariana volta com um envelope aberto e um papel na mão.*

**Autor(a)** – Era um estafeta.

**Visitante** – Eu vou deixá-la...

**Autor(a)** (*num timbre autoritário*) – Deixe-se ficar sentada! Não mexe!

*A outra, surpreendida, volta a sentar-se sem se mexer.*

**Visitante** – O que é? A conta do gás?

**Autor(a)** – Gás? Já o cortaram há muito tempo, senão não estaria aqui a falar consigo.

**Visitante** – Então?

**Autor(a)** – Um contrato de exclusividade enviado pelo meu agente para a minha próxima peça.

**Visitante** – Um contrato?

**Autor(a)** – Ele está a pedir-me que o assine e que o reenvie imediatamente a seguir. Isto é tudo muito estranho. (*Tira um cheque do envelope.*) Até me manda um adiantamento...

**Visitante** – De quanto?

**Autor(a)** – 500 euros

**Visitante** – 500 euros! Ele não está a brincar consigo.

**Autor(a)** – Não sei... Pergunto-me quem estará a brincar comigo com esta história desde que você chegou aqui...

**Visitante** – Em todo o caso, agora que recebeu este adiantamento já não tem escolha. É preciso que comece a escrever a comédia.

**Autor(a)** – Ainda posso devolver o cheque. Não assinei o contrato. Se calhar esta palhaçada de entrevista era para me convencer a fazê-lo.

**Visitante** – Então não vai assinar?

**Autor(a)** – Não gosto de escrever sob pressão. No entanto, estas pilhas de contas por pagar convidam-me a reflectir sobre isso um bocadinho. Se me quiser suicidar sem dor convinha pelo menos voltar a ter gás.

**Visitante** – E os meus 200 euros?

**Autor(a)** – Não tínhamos combinado que íamos dividir?

**Visitante** – Bem... agora que voltou a ser uma dramaturga a quem fazem encomendas... seria mesquinho.

**Autor(a)** – Mais devagar. Ainda tenho de encontrar o assunto da peça.

**Visitante** – Eu, por 500 euros, era capaz de escrever qualquer coisa que fosse.

**Autor(a)** – E por 250?

**Visitante** – 250?

**Autor(a)** – A metade de 500! Na verdade, ainda não recusou a minha proposta.

**Visitante** – Qual proposta?

**Autor(a)** – A de se tornar o meu escravo.

**Visitante** – Ah... não não, Eu estava a brincar. Eu disse que era capaz de escrever qualquer coisa, não uma peça de teatro e ainda menos uma obra-prima.

**Autor(a)** – Qualquer coisa? Mas é só isso que eu espero de si.

**Visitante** – Desculpe?

**Autor(a)** – Eu modestamente, a única coisa que sei escrever são obras de arte. Qualquer coisa não sei fazer, é isso que me bloqueia, percebe? (*um tempo*) Vendo essa cara de parva tenho a impressão que não...

**Visitante** – Quer dizer que.....

**Autor(a)** – Bem... O meu agente deu-me um adiantamento para escrever uma peça mas azar, perdi a inspiração . Está a seguir o meu pensamento?

**Visitante** – Até agora acho que sim.

**Autor(a)** – Eu poderia escrever qualquer coisa para ficar com este cheque como o faria qualquer um dos meus colegas mas, não importa, eu não o sei fazer.

**Visitante** – E porquê?

**Autor(a)** – Uma réstia de culpabilidade judaico-cristã acho... E o meu agente sabe muito bem, aquele estafermo, que eu sou incapaz de escrever uma coisa qualquer.

**Visitante** – E agora?

**Autor(a)** – Agora uma coisa qualquer, isso você já sabe escrever!

**Visitante** – Acha?

**Autor(a)** – Tenho plena confiança em si.

**Visitante** – Mas porquê que não contrata diretamente um escravo que saiba escrever?

**Autor(a)** – Pense bem. Se eu pudesse encontrar uma coisa dessas por 250 euros, já o teria feito há muito tempo.

**Visitante** – Está bem...

**Autor(a)** – Está bem? Quer dizer que aceita?

**Visitante** – Não... está bem quer dizer que compreendo...

**Autor(a)** – Então?

**Visitante** – Eu posso mesmo escrever uma coisa qualquer?

**Autor(a)** – Sabe escrever outra?

**Visitante** – Mas o seu agente, quer dizer, o nosso, vai perceber que isso é uma coisa qualquer!

**Autor(a)** – O meu agente? Foi ele que montou esta farsa ridícula para me obrigar a escrever uma outra peça que não tenho vontade nenhuma de escrever! Vai levar na mesma moeda!

**Visitante** – Digamos que ele vai levar a peça e que você vai levar a moeda.

**Autor(a)** – Está a ver? Quando quer até consegue ter alguma graça! Então?

**Visitante** – Bom... afinal o que é que eu arrisco?

**Autor(a)** – O ridículo.

**Visitante** – Não é o fim do mundo também...

**Autor(a)** – Se o ridículo matasse, acredite em mim, você já não era deste mundo há muito tempo.

**Visitante** – Ok... E quando é que eu começo? Espere... deixe-me ver... (*folheia uma agenda*) Esta semana não vai ser possível... Acho que posso estar livre... a partir da próxima segunda-feira?

*Mariana tira-lhe a agenda das mãos e dá-lhe uma vista de olhos.*

**Autor(a)** – Há tantas páginas brancas nesta agenda que até era possível escrever lá diretamente a peça inteira. Ah não, desculpe tem uma consulta daqui a três meses com o seu oftalmologista.

**Visitante** – É preciso muito tempo para conseguir uma consulta com um oftalmologista. (*a autora lança-lhe um olhar impaciente*) Ok... Então começamos quando?

**Autor(a)** – Porque não agora já que cá está?

*O telefone fixo toca. O autor não se mexe.*

**Visitante** – Não atende?

**Autor(a)** – Deve ser o banco por causa da minha conta a descoberto.

**Visitante** – Pois... Nós devemos ter o mesmo banco. Até parece que a única coisa que lhes resta para gerir são os nossos descobertos.

*Ouve-se uma voz a deixar uma mensagem.*

**Voz-off** – Bom dia. Chamo-me Gonçalo de CastelJarnac, e sou o presidente da Fundação Ocidente. Tenho o prazer de vos anunciar que a nossa fundação decidiu este ano distinguir-vos com o Grande Prémio Ocidente Literário pelo conjunto da vossa obra. Agradeço que nos contacte o mais rapidamente possível para que possamos, em conjunto, combinar os pormenores da cerimónia.

**Visitante** – Acha que também é uma artimanha montada pelo seu agente?

**Autor(a)** (*perplexo*) – De facto é uma hipótese...

**Visitante** – Pois... Que mais poderia ser?

**Autor(a)** – Então, não lhe passa pela cabeça por um momento sequer que eu poderia realmente receber uma recompensa pela minha obra completa?

**Visitante** – Não sei.... Como não li nada...

**Autor(a)** – Em todo o caso é pena que não seja uma verdadeira jornalista. Seria a sua oportunidade de ser a primeira a entrevistar a mais recente laureada da Fundação Ocidente.

**Visitante** – Desculpe a minha ignorância... não conheço...

**Autor(a)** – Não conhece? Mas o prémio Ocidente Literário está para os autores como o prémio Pulitzer está para os jornalistas!

**Visitante** – Também não conheço...

**Autor(a)** – Pois não é jornalista... Então não sei...

**Visitante** – Um pouco como um prémio Nobel da Literatura?

**Autor(a)** – Não é preciso exagerar...

**Visitante** – Era o que eu pensava...

**Autor(a)** – Digamos que com uma boa cobertura isto poderá lançar as vendas da minha nova peça.

**Visitante** – Mesmo se a peça for má?

**Autor(a)** – Mesmo sem ser muito culta, com certeza percebe que os maiores êxitos de vendas raramente são obras de arte. Aliás raramente são escritos pelos seus supostos autores. A maior parte nem sequer os leu.

**Visitante** – O que quer dizer que em geral os que assinam esse género de best-sellers são uns idiotas e os que os escrevem os verdadeiros autores.

**Autor(a)** – No nosso caso seria diferente. O verdadeiro idiota seria sempre você.

**Visitante** – Isso não é muito justo do ponto de vista do seu agente.

**Autor(a)** – Acho que não compreendeu muito bem. Esse escroque soube antes de mim que eu ia receber o prémio e envia-me cheio de urgência um contrato para ficar com a exclusividade dos direitos da minha próxima peça. E tudo isso desembolsando apenas 500 euros! Ele sabe muito bem que com uma publicidade destas eu vou tornar-me uma autora bem-sucedida. Acha que isso é honestidade?

**Visitante** – Reconheço que em matéria de honestidade... não sou uma especialista.

**Autor(a)** – Sem falar desta história ridícula de entrevista para me convencer a meter-me a trabalhar

**Visitante** – Visto dessa forma...

**Autor(a)** – Então você vai escrever a peça sim ou não?

**Visitante** (*depois de um momento de reflexão*) – Ok... mas... também quero os 200 euros da entrevista.

**Autor(a)** – Tínhamos combinado que dividíamos.

**Visitante** – Você próprio o disse: agora é uma autora bem-sucedida.

**Autor(a)** – De acordo. Então ao trabalho.

**Visitante** – Afinal já bebia um chá de camomila.

**Autor(a)** – Francamente não aconselho... Eu guardo-o mesmo ao lado do arsénico... Mas se pretende um truque de autor, tenho outra coisa melhor. (*tira uma garrafa de whisky*) Eis a poção mágica para encontrar a inspiração... Pobre de mim... caí dentro dela quando era pequenina e não faz efeito em mim.

**Visitante** – Bom...

*Ela serve-se de um copo, engole-o de um trago e faz uma careta.*

**Visitante** – Whisky sueco? Não está a tentar envenenar-me não?

**Autor(a)** – Não antes de acabar de escrever esta peça. (*dá-lhe uma caneta*) Confio-lhe solenemente a minha caneta Montblanc. Que a força esteja consigo. Há papel na mesa. Sente-se e escreva.

**Visitante** (*sentando-se*) – Mesmo que seja qualquer coisa, não tenho a certeza de conseguir escrever um livro inteiro...

**Autor(a)** – É só uma peça de teatro! A partir de 50 páginas já engana.

**Visitante** – 50 páginas?

**Autor(a)** – Pense que depois de ter feito a faculdade tem de fazer uma tese um pouco mais longa que as outras...

**Visitante** – A faculdade?

**Autor(a)** – Não fez a faculdade, já devia ter previsto.

**Visitante** – Talvez a pudesse ter feito mas... perdi-me.

**Autor(a)** – Imaginemos então que é uma longa carta.

**Visitante** – Estou sobretudo habituada a escrever SMS...

**Autor(a)** – São diálogos! Ponto, parágrafo, travessão! Metade de uma peça de teatro é o que está entre as linhas. É o branco!

**Visitante** – É por isso que se chama Entrelinha...

**Autor(a)** – Isso mesmo! Vamos escrever esta peça a quatro mãos! Você escreve as linhas, eu escrevo as entrelinhas...

**Visitante** – E no fim assina tudo.

**Autor(a)** – Acha que foi o Miguel Ângelo que pintou todos os quadros que assinou? Ele também tinha pessoal, só fazia os últimos retoques.

**Visitante** – Ainda assim eu não sou escritora.

**Autor(a)** – Mas toda a gente pode ser escritor! Sobretudo dramaturgos. A prova é que para isso não há nenhuma escola. É um daqueles raros trabalhos que, juntamente com entregadores de pizzas e psicanalistas, podemos exercer sem nenhum diploma. E mesmo assim não tenho a certeza no que toca ao entregador de pizzas. Mesmo assim é preciso saber conduzir.

**Visitante** – Mas é trabalho na mesma.

**Autor(a)** – Escreve-se uma peça de teatro só com uma carga de tinta. Para um romance ainda são precisas quatro ou cinco.

**Visitante** – Bom...

**Autor(a)** – É um trabalho de mandrião, digo-lhe. É muito simples, mais cobardes que os dramaturgos só os poetas. Os gajos escrevem cinco linhas de três palavras numa página cheia de um branco autoral e toda a gente acha que é genial.

**Visitante** – Ah pois. Pergunto-me se não seria melhor ser o escravo de um poeta...

**Autor(a)** – Ah não... Tiro-lhe já essa ideia da cabeça. É preciso não sonhar com isso. Nunca se viu um poeta com meios de pagar a um escravo, nem a crédito.

**Visitante** – Bom... Não sei bem por onde começar...

**Autor(a)** – O início é sempre o que é mais difícil evidentemente. Sobretudo para uma comédia.

**Visitante** – Ah... porque é uma comédia...

**Autor(a)** – Uma comédia de boulevard.

**Visitante** – É engraçado... Não a imaginava verdadeiramente como uma autora cômica.

**Autor(a)** – Já foi há muito tempo. Porque é que acha que preciso de um escravo agora?

**Visitante** – Não sei se vou conseguir ter graça.

**Autor(a)** – Eu não lhe estou a pedir para ter graça voluntariamente. Concentre-se na sua graça natural.

**Visitante** – Isso não me ajuda lá muito...

**Autor(a)** – Sei lá... Não há ninguém que tenha vontade de matar?

**Visitante** – De matar?

**Autor(a)** – A comédia serve para isso! A lei proíbe de se livrar da sua sogra então escreve uma peça para poder matá-la nas tábuas de um palco.

**Visitante** – Não sou casada. Tem sogra?

**Autor(a)** – Já não tenho. O meu marido deixou-me. Quase que tenho saudades dela. É para lhe dizer até que ponto me sinto deprimida. Como é que quer que eu escreva uma boa comédia nestas condições?

**Visitante** – Não sei... deixe-me reflectir... Ah sim... Eu detestava a minha irmã.

**Autor(a)** – É bom isso...

**Visitante** – Infelizmente ela morreu... Imagino que para uma comédia...

**Autor(a)** – Isso depende. Existem mortes muito engraçadas. Ela morreu como?

**Visitante** – De cancro.

**Autor(a)** – Ah sim... disso não. É muito difícil fazer rir com o cancro. Sobretudo quando diz respeito a alguém da nossa família...

**Visitante** – Ah sim? Merda... Não tenho sorte nenhuma...

**Autor(a)** – Há assuntos que são completamente tabus na comédia. Não se percebe bem porquê. Deve ser por causa do facto de ser uma doença longa. No teatro as mortes com mais piada são sempre as mais rápidas. Um tipo conta que um comboio passou por cima da sua mulher quando ela tinha saído do cabeleireiro e ficamos logo com vontade de rir. O mesmo conta que ela morreu com um cancro na vesícula depois de três anos de quimioterapia e isso não faz rir ninguém. Vamos lá saber porquê? É assim...

**Visitante** – Bem...

**Autor(a)** – Agora se tem vontade de tentar...

*Tocam à campainha*

**Visitante** – Está à espera de mais alguém?

**Autor(a)** – Deve ser o estafeta. Ele ia tornar a passar aqui para levar o contrato assinado. Empresta-me a caneta?

*Agarra na caneta*

**Visitante** – Tem a certeza?

**Autor(a)** – Não sei porquê mas acredito em si... ( *assina o contrato e devolve-lhe a caneta*) Se tiver alguma ideia enquanto eu estiver com o estafeta não hesite.

*Sai. O telemóvel da visitante toca e ela atende.*

**Visitante** – Sim... Não, ainda estou com ela... Sim, sim, não se preocupe, ela acabou de assinar o contrato... Preciso de desligar... Sim, eu digo qualquer coisa.

*Ela desliga o telefone e o autor regressa.*

**Autor(a)** – Bem... Agora já não temos escolha. Acabei de vender a sua alma ao diabo por 500 euros. Mesmo nos sonhos mais loucos você nunca esperaria ser tão bem paga.

**Visitante** – Não é lá muito glorioso isto... E eu que a tomava por uma autora empenhada...

**Autor(a)** – A maior parte dos autores continuam a escrever para pagar os impostos do ano anterior com os adiantamentos que recebem dos livros que irão escrever no ano seguinte. No dia em que os impostos forem pagos na fonte, verá que a *rentrée* literária será muito mais calma.

**Visitante** – Não sei... nunca paguei impostos...

**Autor(a)** – Tem sorte... quando metemos os pés na engrenagem já não conseguimos sair. Onde é que nós íamos?

**Visitante** – Em lado nenhum... Estou com medo.

**Autor(a)** – Era o que eu temia.

**Visitante** – E se contássemos a história de um escritor que perdeu a inspiração?

**Autor(a)** – Estou a perceber... Uma gaja bate à porta, finge ser jornalista...

**Visitante** – Porque não?

**Autor(a)** – Teatro dentro do teatro. Tinha prometido a mim mesmo que nunca desceria tão baixo...

**Visitante** – Tinha dito que eu podia escrever sobre qualquer coisa que fosse!

**Autor(a)** – Bem.... E como é que isso acabaria?

**Visitante** – Isso agora... Eu nem sei como seria a continuação...

**Autor(a)** – Vou dar-lhe mais um Whisky...

*Fá-lo.*

**Visitante** – Não sei se...

**Autor(a)** – Vamos, beba!

*A outra bebe de um trago.*

**Visitante** – O que eu fazia bem era uma sesta. Tenho a certeza que as ideias viriam mais facilmente depois de dormir.

**Autor(a)** – Eh lá... Eu não lhe estou a pagar para dormir!

**Visitante** – Por enquanto ainda não me pagou nada... Por outro lado, tem razão... Talvez um pequeno adiantamento me motivasse qualquer coisa...

**Autor(a)** – Mesmo se eu quisesse, duvido que banco concordasse com mais um descoberto para lhe fazer adiantamentos... E depois você é uma nulidade como escravo! Eu disse-lhe que escrevesse qualquer coisa, não interessa o quê e nem isso é capaz de fazer!

**Visitante** – Eu também tenho a minha reputação! Não tenho nenhuma vontade de me encher de ridículo ao publicar uma coisa qualquer!

**Autor(a)** – Mas o seu nome não vai aparecer! Sou eu quem vai assinar!

**Visitante** – Talvez mas eu, eu saberei quem realmente escreveu isto. Também tenho amor-próprio de qualquer maneira!

**Autor(a)** – Muito bem! Mas também ninguém a impede de escrever uma obra de arte.

**Visitante** – E porque não? Talvez eu seja menos estúpida do que você pensa.

**Autor(a)** – Vamos então. Surpreenda-me...

**Visitante** – Pois... Mas com estes aperitivos que me serviu acho que começo a ficar com fome... Não tem aí nada para mordiscar?

**Autor(a)** – Eu contratei-a para uma sessão de trabalho, não para um cocktail.

**Visitante** – Conhece o que se diz: A fome é má conselheira...

*Mariana agarra num pacote de bolachas e dá-o à visitante.*

**Autor(a)** – Tome, ainda tenho algumas belinhas.

**Visitante** – Obrigada. *(começa a comer)* Estão um bocadinho moles estas belinhas.

**Autor(a)** – Quer que lhe vá comprar mais frescas?

**Visitante** – Deixe estar... *(continua a comer com avidez)* Tenho uma ideia!

**Autor(a)** *(baixinho)* – Até me assustou...

**Visitante** – Um rapaz ama uma rapariga mas as suas famílias detestam-se.

**Autor(a)** – Isso é o “Romeu e Julieta”.

**Visitante** – Um rapaz ama uma rapariga mas o seu pai acidentalmente mata-o.

**Autor(a)** – “O Cid”.

**Visitante** – Um rapaz ama uma rapariga mas ela é um homem.

**Autor(a)** – “Quanto mais quente melhor”.

**Visitante** – Não conheço essa.

**Autor(a)** – É um filme.

**Visitante** – Tem a certeza?

**Autor(a)** – A certeza.

**Visitante** – Um rapaz ama um rapaz mas ele é uma mulher.

**Autor(a)** – “Victor Victoria”.

**Visitante** – Uma mulher ama uma mulher, mas ela é um homem.

**Autor(a)** – “Tootsie”.

**Visitante** – Que merda...Não sabia que era assim tão difícil ser um autor contemporâneo... Já foi tudo escrito então...

**Autor(a)** – Tudo.

**Visitante** – Sobretudo o melhor.

**Autor(a)** – Eles encheram o bandulho e deixaram as migalhas.

**Visitante** – Os estupores...

**Autor(a)** – Shakespeare, Corneille... Para eles era fácil. Não tinha sido nada escrito antes... Era só apanhar as boas ideias do chão. Para os que não eram analfabetos como a maior parte dos seus contemporâneos, havia uma boa hipótese de passarem à posteridade, claro.

**Visitante** – É verdade que se ainda houvesse lugar hoje para um Molière, já se teria percebido.

**Autor(a)** – É por isso que já não me sinto capaz de escrever uma obra de arte e que eu quero que escreva aí uma coisa qualquer.

*Um tempo.*

**Visitante** – Afinal vou beber mais um whisky.

*Bebe-o avidamente.*

**Autor(a)** – É melhor ir devagar...

*Pousa a garrafa com um suspiro de satisfação.*

**Visitante** – Já sei!

**Autor(a)** – A sério?Estou a ouvir.

**Visitante** – Um casal recebe uma amiga que acabou de perder o marido num acidente de avião e, ao mesmo tempo que tentam consolá-la, percebem que ganharam o Euromilhões.

**Autor(a)** – Excelente! Muito bem.

**Visitante** – Está a ver? Quando eu quero...

**Autor(a)** – Era o tema da minha primeira peça.

**Visitante** – Ah...

**Autor(a)** – Aquela que não leu.

**Visitante** – Os grandes espíritos encontram-se...

**Autor(a)** – Sim, se tivesse nascido antes de mim poderia ter escrito essa peça. Desta maneira, é o meu best seller.

**Visitante** – Acho que tenho de me atualizar...

**Autor(a)** – Eu parei de escrever quando comecei a plagiar-me a mim própria.

*O entusiasmo desaparece. Um tempo...*

**Visitante** – Já não há mais belinhas?

**Autor(a)** – Você comeu-as todas!

**Visitante** – O pacote já estava aberto. Prefiro nem saber há quanto tempo. Espero não vir a apanhar uma intoxicação alimentar.

**Autor(a)** – Só tem de meter baixa, mas previno-a já que nós, os escritores, quando estamos doentes e não trabalhamos, não nos toca nenhuma indemnização. Então os escravos... é melhor nem pensar nisso...

**Visitante** – Pelo menos ainda tenho as migalhas .

**Autor(a)** – Não pensa em mais nada senão encher-se?

**Visitante** – Geralmente são as pessoas que nunca têm fome que dizem isso.

**Autor(a)** – Está bem.. Vou ver o que resta no frigorífico...

**Visitante** – Só mais uma coisa...

**Autor(a)** – O que é agora?

**Visitante** – Eu não gosto muito do termo... escravo.

**Autor(a)** – O quê?

**Visitante** – Pois... Acho degradante.

**Autor(a)** – Degradante? Para quem?

**Visitante** – Para mim!

**Autor(a)** – Bom, então eu chamo-a como? Por duplo? Afinal de contas, as vedetas também se fazem dobrar nas cenas que não querem fazer. Porque é que os escritores também não podem ter um duplo para as cenas que não querem escrever?

**Visitante** – Não sei... eu oficialmente podia ser... a sua secretária particular.

**Autor(a)** – A minha secretária particular?

**Visitante** – Se sairmos juntas e tiver de me apresentar não vai dizer, olhem, é o meu escravo!

**Autor(a)** – Confesso que... ainda não tinha encarado a possibilidade de sairmos juntos...

**Visitante** – Em todo caso... eu preciso de um papel não?

**Autor(a)** – Um papel?

**Visitante** – Por falar nisso, a propósito de papel... Um escravo que trabalha clandestino... nada disto é muito legal... Era melhor que eu fosse alguém... E também preciso de pensar na minha reforma.

**Autor(a)** – Não quer senhas de almoço também?

**Visitante** – Ok pronto... mas Secretária particular!

**Autor(a)** – Está bem. E em vez das senhas de refeição vou ver se ainda há um resto de camembert no frigorífico.

*Vai a sair, o telefone toca.*

**Visitante** (*atende o telefone*) – Está? Fala a secretária da Mariana Entrelinha. (*Ela faz um sinal de que não quer atender o telefone*) Não, não, lamentavelmente não lha posso passar. Porquê? Porque ela morreu. Ah sim... tenho a certeza. O médico legista está cá em casa e acredite que não é uma coisa boa para se ver. Ah sim? Não... Claro, é uma boa notícia mas neste caso terá de ser a título póstumo. Bom peço imensa desculpa mas preciso de desligar, a autópsia vai começar... É isso, um bom dia para si.

**Autor(a)** (*pasmada*) – Quem era?

**Visitante** – João Paulo Tristão, o presidente da Associação dos Escritores de Teatro. Parece que o Ministro da Cultura a quer galardoar com a Medalha dos cavaleiros das Artes e das Letras.

**Autor(a)** – E disse-lhe que eu estava morta?

**Visitante** – Fez-me sinal que não queria falar... foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

**Autor(a)** – Pois...

**Visitante** – E depois é preciso ser realista. Eu não estou nem perto de escrever esta peça. E você também não.

**Autor(a)** – E agora?

**Visitante** – Agora, se está morta o seu agente não vai poder reclamar os 500 euros que lhe deu por uma peça que não escreveu.

**Autor(a)** – Morta... Não será um bocadinho excessivo como desculpa para não devolver os 500 euros?

**Visitante** – Também tenho uma outra ideia na cabeça...

**Autor(a)** – Quando quiser dizer...

**Visitante** – Se está morta e ainda por cima com um prémio literário e uma medalha a título póstumo, você vai tornar-se célebre.

**Autor(a)** – Eu desafiei-a a surpreender-me mas agora confesso que estou pasmada.

**Visitante** – Obrigada.

**Autor(a)** – Não era exatamente um cumprimento. Existem muitas maneiras de pasmar as pessoas, sabia?

**Visitante** – Tem família?

**Autor(a)** – Só tenho o meu marido e nem tenho a certeza que ele me considere como familiar.

**Visitante** – Então, tudo somado, está sozinha na vida. Não tem marido, não tem família, não tem amigos... Este prémio e esta medalha... eu poderia recebê-los em seu lugar.

**Autor(a)** – Vejamos... Eu propus-lhe um trabalho de escravo, não foi capaz de escrever uma linha e agora quer receber em meu nome todas as honras que me são devidas. Também quer o código do meu visa?

**Visitante** – Por acaso pergunto-me se isso não seria o mais prudente. Quer dizer, é que está supostamente morta.

**Autor(a)** – Eu posso desmentir.

**Visitante** – Pense durante 5 minutos. Neste momento tem tudo a ganhar se continuar morta.

**Autor(a)** – Acha?

**Visitante** – Eu aposto que amanhã os jornais vão falar de si. Talvez não na primeira página, não vamos delirar, mas rapidamente O Jornal de Letras vai lembrar-se de si, é certinho.

**Autor(a)** – Poder ler a minha necrologia, é verdade que é tentador...

**Visitante** – Toda a gente vai dizer que era uma grande escritora. Os livros vão vender-se como pãozinhos quentes... pelo menos durante um dia ou dois.

**Autor(a)** – Acredita que sim?

**Visitante** – Não sou jornalista mas graças à minha ideia ainda vai parar ao jornal!

**Autor(a)** – E agora, fazemos o quê?

**Visitante** – Você faz de morta e eu... eu fico com 25% dos seus direitos de autor.

**Autor(a)** – O meu agente só me levava 10%!

**Visitante** – Sim, mas com ele não vendia um livro e as suas peças não eram levadas à cena.

**Autor(a)** – E eu que estava convencida a reformar-me.

**Visitante** – A reformar-se?

**Autor(a)** – Decidi que pouco a pouco, ia eliminar da minha vida tudo que pudesse constituir uma contrariedade. Não escrevo mais, falo o menos possível e não comunico as minhas opiniões às pessoas. Eu tento até, na medida do possível, não ter nenhuma opinião sobre nada.

**Visitante** – E pensou verdadeiramente em fazer isso?

**Autor(a)** – Não ter opiniões?

**Visitante** – Reformar-se! Tem a certeza que consegue fazer isso?

**Autor(a)** – Pelo banco parece que é discutível...

**Visitante** – Pois bem, eu proponho que melhor do que se reformar é estar morta.

**Autor(a)** – É verdade que parece mais tentador... Preciso de 5 minutos para pesar os prós e os contras.

*Toca o telefone. O autor(a) vai atender.*

**Visitante** – Está maluca? Lembre-se de que é uma escritora morta! Está sim? O Banco? Não... lamento. A Mariana Entrelinha acabou de falecer. Sim, suicidou-se... tomou um litro de destop. Sim, o produto para desentupir as casas de banho. Um enorme buraco no estômago, não é bonito de se ver. A soda é muito cáustica. É verdade... ela também era muito cáustica... Porquê? Oh! Os artistas, sabe como é... E vocês estão na melhor situação para saber que ela estava cheia de dívidas. Foi a maneira que ela encontrou para fugir aos credores. Não, claro que o dinheiro não é o mais importante. Isso mesmo. Adeus. Claro, eu transmito as vossas condolências à família.

*Desliga.*

**Autor(a)** (*estupefacto*) – Você é difícil para arrancar mas quando começa não há maneira de pará-la! Então agora suicidei-me!

**Visitante** – Acho que para um escritor assim é muito mais romântico que um enfarte ou um cancro do cólon.

**Autor(a)** – Mais romântico? Emborcar um litro de Destop?

**Visitante** – Improvisei... Foi o que me lembrei.

**Autor(a)** – Improvisar... Daqui em diante vou pedir-lhe que utilize isso para escrever!

**Visitante** – Mas eu não tenho nenhum texto e você é incapaz de escrever uma coisa qualquer!

**Autor(a)** – Está bem... Não vale a pena ser desagradável... Bom, então suicidei-me... É verdade que nestes últimos tempos andava um bocado depressivo.

**Visitante** – Ah, está a ver!

**Autor(a)** – E agora o que é que se faz? Organizam-me um funeral nacional?

**Visitante** – Um autor morto tem um acréscimo de vendas em 10%. Num autor que se suicida podemos subir até aos 20%. (*Toca o telefone*) Parece que os trabalhos voltaram.

**Autor(a)** – De facto. Este telefone já não tocava assim há anos.

**Visitante** – Sim? Fala a secretária do Sra. Entrelinha. Sim, sim, posso confirmar que a sua esposa faleceu esta manhã. Dou-vos as minhas condolências bem como as do sistema bancário. Sim, com uma bala nas têmporas. Sim, se a visse acho que a não conseguia reconhecer. Com a parte superior da cabeça a menos... Não é bonito para se ver, posso assegurar. Muito bem, eu transmito-lhe... quero dizer muito bem obrigada. Até depois. (*desliga*) Era o seu marido.

**Autor(a)** – O meu marido? Mas o que é que ele queria?

**Visitante** – Prestar-lhe uma última homenagem parece.

**Autor(a)** – Já não o vejo há anos... E ele é que me acusava de falta de atenção.

**Visitante** – Os mortos são sempre bastante mais populares que os vivos. Verá que só há vantagens em estar falecida.

**Autor(a)** – Desta vez disse que eu tinha metido uma bala na cabeça.

**Visitante** – Estou a tentar melhorar como vê. (*toca o telefone*) Se isto continua assim vamos precisar de arranjar uma telefonista. Está sim? Sim sou eu quem detém todos os direitos de todas as suas peças. Casámos uns meses antes do seu falecimento. Sim, sou a sua herdeira directa. Sim... sim... sim... sim ela tinha acabado de escrever uma nova peça que vos vai deixar espantados. Na minha opinião é a sua obra-prima. Completamente inédita. Sim... sim... sim... de acordo. Posso ficar com o seu número? Muito bem, vou analisar pessoalmente a vossa proposta e dar-vos-ei uma resposta o mais rápido possível. Isso mesmo, até breve.

**Autor(a)** – Agora somos casadas?!

**Visitante** – É mais simples assim.

**Autor(a)** – Mais simples...?

**Visitante** – Para justificar o facto de ser eu quem detém os direitos das suas peças.

**Autor(a)** – É verdade.

**Visitante** – E depois, na qualidade de viúva, isto fica tudo em família.

**Autor(a)** – Muito bem... E... eu posso saber quem era?

**Visitante** – Um teatro que deseja montar a sua última peça.

**Autor(a)** – Um teatro? Qual Teatro?

**Visitante** – Eu quis anotar logo a seguir mas interrompeu-me... Tem qualquer coisa a ver com o código da estrada.

**Autor(a)** – O código da estrada?

**Visitante** – E ao mesmo tempo evoca a ideia de um teatro que anda à volta...

**Autor(a)** – O Teatro da Rotunda?

**Visitante** – Isso mesmo!

**Autor(a)** – Mas eles só montam peças de autores vivos!

**Visitante** – O seu cadáver ainda está quente, não vamos agora prendermo-nos por ninharias pois não?

**Autor(a)** – Então o que vai fazer?

**Visitante** – Primeiro vou fazê-los marinar um pouco para lhes dar a entender que não são os únicos na corrida.

**Autor(a)** – Você é que devia ter sido a minha agente...

**Visitante** – Nós podíamos considerar uma retrospectiva do conjunto da sua obra não?

**Autor(a)** – Porque não? Mas quando falou na minha última peça estava a pensar em...

**Visitante** – Naquela que ainda não escreveu.

**Autor(a)** – Agora que estou morta?

**Visitante** – Mas percebeu? Eu disse-lhes que tinha um inédito...

**Autor(a)** – Está bem... Mas não tenho nada...

**Visitante** – Mas como não está morta de verdade pode escrevê-la.

**Autor(a)** – Mas se eu já lhe disse que perdi a inspiração!

**Visitante** – Isso era antes.

**Autor(a)** – Antes?

**Visitante** – Antes de não ser reconhecida como uma autora de sucesso.

**Autor(a)** – Você quer dizer uma escritora morta!

**Visitante** – Também, sim... Agora que tem a morte toda diante de si, vai ter o tempo todo para escrever esta peça. Eu trato do resto.

**Autor(a)** – Desculpe fazer a pergunta, mas eu vou ficar morta mais ou menos quanto tempo?

**Visitante** – O tempo que precisar para escrever a centésima vigésima quarta peça. Depois veremos.

*Mariana parece um pouco ultrapassada pela situação.*

**Autor(a)** – Bem... vou tentar começar então...

**Visitante** – Um chá de camomila?

**Autor(a)** – Acho que vou regressar ao whisky Sueco. (*agarra na garrafa e dirige-se para a saída*) Vai ficar por aqui?

**Visitante** – É preciso alguém para velar o corpo e atender o telefone.

**Autor(a)** – Ok.

*Sai. Visitante põe-se à vontade e marca um número no seu telemóvel.*

**Visitante** – Jorge? Desta vez vai resultar. Acho que ela vai escrever a peça. Ok, fomos um bocadinho longe demais com o prémio do Ocidente literário e com a medalha de... do preço certo e das letras... É verdade, ela vai ficar desapontada quando perceber que não há nem um nem outro... mas pronto, é para o bem dela. E depois também não sabemos se esta nova peça pode ser realmente boa... Está bem, se ela não morrer primeiro... Por falar nisso eu preciso de explicar uma coisa... Eu tive de improvisar um bocadinho...

*Entra o escritor(a).*

**Autor(a)** – Estragada de seca.

**Visitante** – Desculpe?

**Autor(a)** – Não tenho tinta. O cartucho está vazio. E para encontrar uma recarga de caneta Montblanc ali na esquina...

**Visitante** – E a máquina de escrever?

**Autor(a)** – A máquina de escrever? Ela está como eu já lhe tinha dito, no fim da linha...

*Visitante tira uma esferográfica da sua mala e estende-a ao escritor(a).*

**Visitante** – Só precisa de utilizar isto entretanto.

*Mariana fica um pouco decepcionada. Sai, A visitante torna a pegar no telefone.*

**Visitante** – Ainda não está ganho. Ainda preciso de o manter na fervura como leite ao lume. Acho que um pequeno aumento...

*Ouve-se uma detonação.*

**Visitante** – Parece que encontrou cartuchos. Eu já telefono. (*desliga*) Querem ver que ainda vou mesmo escrever esta peça sozinha?

*Mariana regressa com uma garrafa de champanhe que tinha aberto.*

**Autor(a)** – Também já estou seco de Whisky mas encontrei isto no frigorífico. Estava a guardá-la para uma ocasião especial, como ter no mesmo dia um prémio e uma condecoração... Quer?

**Visitante** – Porque não? Mas depois promete-me que se vai dedicar ao trabalho.

**Autor(a)** – Não se preocupe. Não sei porquê mas de repente estar morto levantou-me a moral.

**Visitante** – Ainda bem. Já tem alguma ideia?

**Autor(a)** – É sempre melhor partir da realidade, então que se lixe. Que seja o teatro dentro do teatro. É a história de uma autora que perdeu a inspiração. Um dia uma jornalista vem bater-lhe à campainha.

**Visitante** – Sim... isso faz-me lembrar alguma coisa... E já há um título?

**Autor(a)** – Porque não...”No fim da linha”?

**Visitante** – Isso já não foi feito?

**Autor(a)** – Era só o que faltava ter de encontrar um novo título!

**Visitante** – Seja “No fim da linha”

**Autor(a)** – Se eu lhe ditasse ia mais depressa não?

*Põe-lhe a máquina de escrever.*

**Visitante** – Estou a ouvir.

*O escritor(a) começa a ditar muito inspirado como se estivesse a ver a cena.*

**Autor(a)** – Uma sala em desordem. Um homem (ou uma mulher) dormita numa poltrona. O telefone toca, fazendo-o sair do seu torpor. Ele atende-o como um sonâmbulo. Está?

*Black out*

## O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentista na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Escreveu uma centena de cenas para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (Sexta-feira 13 ou Strip Poker).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais à procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque ([comediatheque.net](http://comediatheque.net)). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Para aqueles que desejam apenas ler estas obras ou que preferem trabalhar o texto a partir de um formato de livro tradicional, uma edição em papel mediante pagamento, pode ser encomendada no site Amazon, a um preço equivalente ao custo de uma fotocópia deste arquivo.

*Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português*

Milagre no convento de Santa Maria-Joana

Sexta-Feira 13

Strip Poker

Uma herança pesada

Um pequeno homicídio sem consequência

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez  
podem ser baixadas livremente no seu site :*

<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas  
ao direito de propriedade intelectual.*

*Todas as contrafações são puníveis,  
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris – Janeiro 2022

© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-603-3

Documento para download gratuito